

“Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?”: uma investigação sobre o julgamento à luz do Sistema de Avaliatividade

“Why does the world hate Pope Benedict XVI?”: an investigation of judgment in light of the Appraisal System

Alex Luís dos Santos*
Cláudio Márcio do Carmo**

O presente artigo faz uma análise, à luz do Sistema de Avaliatividade, do texto “Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?”, cuja autoria é atribuída ao Abade Cacqueray. Focaliza-se especificamente o julgamento como uma das formas de se realizar o posicionamento atitudinal do produtor. Destarte, o trabalho preocupa-se com a linguagem que critica ou elogia, que condena ou aplaude o comportamento - as ações, atos, palavras, crenças, motivações - assumidos no texto em foco.

Based on the Appraisal System, this paper analyzes the text “Why does the world hate Pope Benedict XVI?”, attributed to Abbot Cacqueray. It specifically focuses on judgment as one possible way to achieve the producer’s attitudinal positioning. Thus, the work is concerned with language stances that criticize or praise, that condemn or applaud a certain behaviour - actions, deeds, sayings, beliefs, motivations - as seen in the text used in the analysis.

Palavras-chave: Avaliatividade. Bento XVI. Julgamento.

Key words: Appraisal. Benedict XVI. Judgement.

Introdução

Muitas têm sido as discussões acerca dos motivos pelos quais se criticam as atitudes, os discursos e principalmente a postura do cardeal Joseph Ratzinger - atual pontífice Bento XVI. Essas críticas remontam, em sua maioria, aos escândalos de pedofilia que teriam sido acobertados pelo representante maior da Igreja Católica. Por outro lado, religiosos da mesma instituição defendem enfaticamente uma conspiração da mídia contra o papa, ao ignorar os fatos e distorcer interpretações com o objetivo de disseminar a imagem da Igreja em questão como a única responsável pelos abusos ocorridos. É nesse contexto que se apresenta o objeto de estudo deste artigo.

* Mestrando em Teoria Literária e Crítica da Cultura na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais - Brasil, com ênfase em Discurso e representação social. Atua, desde 2009, principalmente com o Sistema de Avaliatividade, com a Gramática Sistemico-Funcional e a Análise Crítica do Discurso. E-mail: alxlouis@hotmail.com.

** Professor Adjunto IV da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais - Brasil, atuando na graduação e no Programa de Mestrado em Letras, na linha Discurso e Representação Social. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e Linguística Aplicada, trabalhando principalmente com os seguintes temas: cultura e produção de sentido, Linguística Sistemico-Funcional, Linguística de Corpus, Sistema de Avaliatividade, Representação de Atores Sociais, Semiótica Social, Multimodalidade, Análise (Crítica) do Discurso e estudos lexicais, em que se baseia para a análise de discursos de/sobre minorias e grupos vulneráveis, mídia, representação, identidade, questão racial e questão religiosa. E-mail: claudiu@ufsj.edu.br.

A discussão que se realiza gira em torno da temática *religião* e como esta se relaciona com a avaliação na linguagem em uma produção textual específica - o texto *Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?* Enquanto um fenômeno com implicações sociais, a avaliação tem um estatuto particular no conjunto das atividades humanas. Ela pressupõe tanto a situação e os participantes dela como a ativação de crenças e valores num discurso. Daí se chega ao fato de que a avaliação tem de ser descrita, analisada e observada em seu real funcionamento dentro de um texto.

O sistema de avaliabilidade, consoante com essas expectativas, explora as formas de se realizar uma opinião, ou seja, os elementos linguísticos que expressam os juízos de um falante/escritor, refletindo as normas sociais, valores e engajamentos ideológicos desse mesmo sujeito (MARTIN, 2003, p. 173). A função mais óbvia da avaliação é dizer o que o usuário da língua pensa ou sente sobre algo. Ao mesmo tempo, ao emitir comentários morais ou percepções do mundo, os escritores/falantes projetam juntos, ou mesmo criam, uma forma particular de julgamento normativo capaz de influenciar diretamente o comportamento social e os papéis sociais das pessoas (MARTIN; WHITE, 2005, p.2). Nessa perspectiva, acredita-se que os estudos sobre a avaliação prestam-se ao escrutínio da vida social, suas práticas e contradições.

O objetivo principal deste artigo, portanto, é justamente mostrar como é possível e eminentemente produtivo estudar temas sociais por meio da linguagem, focando os itens avaliativos dos textos. Especificamente, o que se realiza é um mapeamento dos recursos linguístico-discursivos utilizados para se empreender o *juízo*, enquanto uma categoria da posição atitudinal da avaliação, no texto *Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?*, cuja autoria é atribuída ao episcopo superior do distrito da França e congado à Fraternidade São Pio X, Abade Régis de Cacqueray.

Dentro dos níveis metodológicos nos quais a pesquisa pode se basear, sugeridos por Ikeda e Vian Júnior (2006, p. 37-43), o estudo se enquadra na análise léxico-gramatical, visto que são destacados os elementos linguístico-discursivos para realizar o *juízo*.

Halliday (1978, p.22) ressalta que na análise linguística de base sistêmica é possível a presença de hipóteses interpretativas referentes aos interesses e às motivações que geraram a escolha de um elemento léxico-gramatical em detrimento de outro. Destarte, para o exame do *juízo*, adota-se a proposta de Eggins e Slade (1997, p. 138-140): (i) identificação dos itens avaliativos; (ii) classificação e resumo dos itens avaliativos; (iii) interpretação dos itens avaliativos dentro de uma conjuntura a que pertencem.

A produção de *Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?* é datada em cinco de maio de 2010 e está vinculada à *Associação Cultural Montfort*. A *Montfort* é uma entidade civil de orientação católica que tem como finalidade a difusão do ensinamento tradicional da Igreja e da cultura cristã ocidental.

É claro que há na língua uma gama muito variada de itens passíveis de análise.

Contudo, a opção pelos elementos de avaliação indicadores do posicionamento atitudinal no que tange ao julgamento é tomada em função de se apresentar um mapeamento dos valores relacionados à ética que articulam um discurso capaz de recontextualizar os paradigmas de como comportar-se na sociedade, o que parece uma postura característica das instituições religiosas.

Assim, a investigação evidencia as funções sociais dos recursos de *juízo*, não simplesmente como formas através das quais o episcopo expressa seus sentimentos e postura, mas como meios que permitem que o mesmo adote posições de valor determinadas socialmente, e assim se filie, ou se distancie dos grupos sociais, de alguma forma, envolvidos na e pela produção do texto, o que parece uma abordagem profícua.

Para tanto, o texto está dividido em quatro partes. Em um primeiro momento, apresenta-se o referencial básico do Sistema de Avaliatividade, que fornece as ferramentas analíticas para a consecução da abordagem objetivada e algumas considerações acerca da religião no contexto social da atualidade. Na continuação, seguem as análises, que têm a dupla função de exemplificar o uso de determinadas categorias de análise da teoria em questão e problematizar a escolha de itens avaliativos com implicações ideológicas. Por fim, são apresentadas algumas considerações concludentes sobre os resultados do estudo realizado.

O Sistema de Avaliatividade e Linguística Sistêmico-Funcional

Tendo por base o princípio da Linguística Sistêmico-Funcional de que toda avaliação deve ser semântica, ao empregar o termo “avaliatividade” entende-se “um recurso semântico usado para negociar emoções, julgamentos e avaliações” (MARTIN, 2001, p.145). Logo, o termo engloba os diferentes usos avaliativos da linguagem, incluindo aqueles que falantes/escritores adotam com o intuito de expressar e transmitir seus julgamentos a respeito do mundo e das pessoas que os cercam. Deste modo, o Sistema de Avaliatividade investiga, descreve e explica as possíveis formas usadas por falantes/escritores com o objetivo de avaliar, adotar posicionamentos/posturas, construir *personas* textuais¹ e conduzir posicionamentos interpessoais e diferentes relacionamentos (PAGE, 2003, p. 217).

Os estudos iniciais sobre a avaliação foram marcados por uma publicação da revista *Text*, em 1989, cujo tema era “Potential of language to express different emotions and degrees of emotional intensity” (ALMEIDA, 2010, p. 36). Nesse mesmo período, um grupo de systemicistas em Sydney, liderado por Martin, começou a desenvolver uma estrutura que fosse capaz de analisar a avaliação no discurso (cf. MARTIN, 2003, p. 171).

Desde então, essa estrutura evidencia a linguagem em torno de uma rede sistêmica que se organiza e se inter-relaciona não só em volta de um sistema linguístico,

¹ Rubrica utilizada por pesquisadores que lidam com o Sistema de Avaliatividade para referir-se à identidade autoral que o falante/escritor constrói para si mesmo no texto oral ou escrito.

mas também em torno de um sistema de dados do contexto social (ALMEIDA, 2010, p. 9), o que a acopla numa tradição funcionalista de abordagem da língua.

A tradição funcionalista, desde a Escola Linguística de Praga, mostra-se convicta da insuficiência de uma descrição estrutural da sentença em determinar o significado da expressão linguística; acredita antes que este significado “precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatutos dentro da situação de interação determinada socioculturalmente” (NEVES, 2004, p.21-23, passim). Esse pensamento configura um elemento importante para as considerações acerca dos fatos da língua: o extralinguístico.

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) faz parte dessa tradição e tem como precursor Michael Halliday, que propõe uma teoria sistêmico-funcional, afirmando que o interesse não está somente na estrutura da língua, mas também no contexto em que ocorrem as interações sociais. A LSF explica como os significados são construídos nas interações linguísticas cotidianas, de modo que a unidade de análise sejam textos autênticos assim como o seu contexto de produção e seus participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 309).

Romero (1998, p. 63), seguindo os postulados de Halliday e Hasan (1989), atribui à Gramática Sistêmico-Funcional a qualidade de “conceber a linguagem como intimamente envolvida no processo de construção e organização da experiência humana, em que o ambiente e o contexto em que ela é realizada é de capital relevância.”

A autora salienta ainda que essa gramática desenvolvida apresenta estreita relação com a realidade, pois trabalha com a linguagem em uso nos diversos desempenhos sociais e pressupõe que o falante/escritor obedece a motivações que levam a produção de determinado texto e a intenções que subjazem na constituição do discurso (ROMERO, 1998, p. 63-64).

À luz da Linguística Sistêmico-Funcional, a língua é vista, portanto, como um sistema de escolhas, um sistema semiótico, em que o falante tem a possibilidade de fazer escolhas léxico-gramaticais para alcançar seu propósito, construir seus significados. Os significados, por sua vez, são influenciados pelos contextos social e cultural em que são utilizados (EGGINS, 1994, p. 2).

Martin e White explicam que, ao se caracterizar o sistema em relação ao contexto, tem-se a correspondência deste a *metafunções* específicas (MARTIN; WHITE, 2005 p. 27). Segundo Christie, “a noção de metafunções foi mencionada no pensamento de Halliday ainda na década de 60, embora tivesse sido aprimorada no final da mesma” (CHRISTIE, 2004, p. 21).

Assim, Halliday explica que as *metafunções* estão interligadas na construção do discurso, logo, toda sentença num texto é multifuncional (HALLIDAY, 1985, p. 23). Ele explica esse conhecimento propondo que a *metafunção ideacional* é representada através das experiências de mundo, a *interpessoal* se constitui através da negociação das relações sociais entre os participantes da interação, e a *metafunção textual* estabelece a organização

interna do texto com base na hierarquia da informação (idem, p. 15-23, *passim*). A língua, portanto, é multifuncional, pois representa modelos de experiências, desempenha relações entre os participantes, organiza e estrutura a mensagem, simultaneamente.

Porém, é no interior da metafunção interpessoal que a avaliação opera como um elemento que investiga as formas pelas quais os significados relacionados aos papéis de fala são produzidos a partir da interação entre os participantes do discurso. Esse pensamento prevê uma descrição que remete à estrutura de troca, aos recursos linguístico-semânticos usados para negociar as relações. Logo, preocupa-se com a avaliação - os tipos de atitudes, sentimentos envolvidos e as formas pelas quais os valores são originados e os leitores posicionados (MARTIN; ROSE, 2003, p. 22).

Avaliação e Semântica do discurso

Bakhtin já demonstrava preocupação com o aspecto valorativo da palavra. Ao trabalhar com a questão da significação, o autor deixou explícito que toda “palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação, no sentido objetivo, de conteúdo (...), mas também um acento de valor ou apreciativo (...). Sem acento apreciativo, não há palavra” (BAKHTIN, [1929], 1999, p. 132).

A afirmação de Bakhtin vem corroborar a importância de se trabalhar com os modos como os julgamentos de valor se manifestam nos discursos. Como a orientação apreciativa depende da situação real de uso, não é possível afirmar que os juízos de valor são estáveis: situam-se “tanto no horizonte imediato, como no horizonte social mais amplo de um dado grupo social” (idem, p.135).

Nesse contexto, o Sistema de Avaliatividade se apresenta como um instrumento científico relevante a fim de investigar a forma como a linguagem é utilizada para realizar uma opinião. O Sistema de Avaliatividade, ao operar como uma das realizações da metafunção interpessoal, desenvolvida por Halliday (1985), é proposta por Martin e White (2005) como um subsistema localizado em um terceiro ciclo de codificação - a Semântica do discurso - dos diferentes níveis em que se realiza a linguagem (Figura 1). Os autores argumentam que é possível encontrar, no texto, elementos que indiciam sentimentos e valores postos de uma comunidade, de modo a demonstrar emoções, gostos e avaliações normativas.

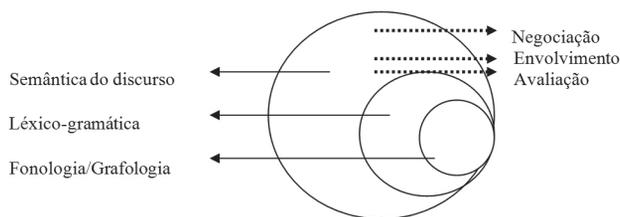


Figura 1: Os ciclos de codificação da linguagem

Fonte: Martin e White (2005) (adaptado)

Como se pode verificar na figura 1, a Semântica do discurso pretende dar conta dos significados além da oração: os textos em outras palavras (MARTIN; WHITE, 2005, p. 9). Como a Gramática Sistêmico-Funcional está em constante desenvolvimento, a inclusão das categorias *envolvimento* e *avaliação* à semântica do discurso foi a contribuição dos autores para a ampliação dos níveis de abordagem.

A *avaliação*, segundo Martin e White (2005, p. 33), complementa a *negociação* entre os participantes, ao focar aspectos interativos do discurso, funções de fala e estrutura de troca. *Negociação* e *avaliação* dizem respeito a proposições ou a propostas utilizadas pelos participantes. Já o *envolvimento* complementa a avaliação “ao focar os recursos não graduáveis para negociar as relações interpessoais” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 33), especialmente a solidariedade (ex. eufemismos, gírias e linguagem técnica).

Dentro da *avaliação*, Martin e White (2005) identificam três categorias de avaliatividade: *atitude*, *engajamento* e *gradação*. A *atitude* focaliza sentimentos, reações emocionais ou sobre comportamentos e avaliações de coisas. O *engajamento* trata do posicionamento do falante ou escritor perante o que fala ou escreve, ou seja, se ele se mostra favorável, contrário ou neutro diante de uma questão da qual trata. A *gradação* refere-se à forma pela qual o falante (ou escritor) minimiza ou exalta a intensidade ou grau da realidade que está negociando.

Cada uma das grandes categorias é ainda subdividida, para dar conta de avaliações mais específicas. Levando-se em conta que as considerações deste trabalho se inserem no âmbito da *Atitude*, é esta que se detalha a seguir.

A Atitude no Sistema de Avaliatividade

Valorar através da linguagem, para Martin e White (2005), cumpre três funções principais:

- demonstrar o posicionamento atitudinal do autor/falante frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, através do elogio ou da censura;
- expor, através da aceitação do posicionamento de outrem ou mesmo da contraposição a ele (procedimentos de ordem interpessoal), seu próprio posicionamento;
- explicitar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor e leitor, através da antecipação ou da resposta a indagações do leitor/ouvinte.

Como já mencionado, a avaliatividade abrange três domínios: *Atitude*, *Engajamento* e *Gradação*. O posicionamento atitudinal faz referência à avaliação positiva ou negativa acerca de pessoas, lugares, acontecimentos, estados de coisas etc. A *Atitude* designadamente compreende três subtipos: posicionamento afetivo, posicionamento ético e posicionamento estético, denominados respectivamente de *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*.

Assim o *Afeto*, o *Julgamento* e a *Apreciação* estão ligados a sentimentos. Eles se diferem no seguinte: no *Afeto*, os sentimentos constituem reações eventuais e personalizadas das pessoas a determinados estímulos. No *Julgamento*, os sentimentos dirigem-se à forma de comportamento; na *Apreciação*, os sentimentos referem-se às propriedades objetivas do fenômeno avaliado em si mesmo (WHITE, 2004, p. 183). A relação entre essas maneiras de se realizar a *Atitude* pode ser percebida na Figura 2:

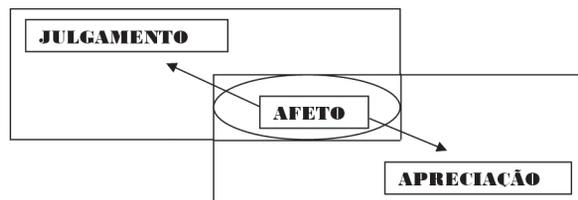


Figura 2: Atitude e recursos de avaliatividade

Fonte: Martin e White (2005) (adaptado)

O Julgamento

O *Julgamento* – categoria semântica de *Atitude* – serve, conforme esclarece Martin (1995, p. 28), para avaliar o comportamento das pessoas. Eggins e Slade (1997, p. 130) lembram que o *juízo* geralmente é realizado por meio de léxicos, porém pode ser realizado gramaticalmente na oração.

Para Martin (2001, p. 155), a *Atitude de Julgamento* pode ser entendida como uma institucionalização dos sentimentos, ou seja, normas de comportamento que direcionam as pessoas como devem ou não agir. O autor subdivide essa *Atitude* em dois tipos: *estima social* e *sanção social*.

O *Julgamento* de *estima social* envolve admiração e crítica sem implicações legais, enquanto que o de *sanção social* implica elogio e condenação, geralmente, com implicações legais. Para Martin e White (2005, p. 52), as avaliações de *estima social* tendem a ser policiadas pela cultura oral, por meio da fofoca, boatos, anedotas e histórias dos vários tipos. Já a *sanção social*, por outro lado, é codificada na forma escrita como éditos, regras, regulações, leis sobre como se comportar de acordo com a Igreja e o Estado, devendo ser aplicadas penalidades e punições para quem quebrar o código, a lei.

Para a identificação dos subtipos de *Julgamento*, Martin (2001, p. 156) sugere algumas perguntas para facilitar a compreensão das categorias dessa forma de *Atitude*:

Normalidade: o comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?

Capacidade: o indivíduo é capaz, competente?

Tenacidade: o indivíduo é confiável, dependente?

Veracidade: o indivíduo é honesto?

Propriedade: o indivíduo é ético?

Para Martin (2001, p. 156-7), as avaliações relacionadas à *normalidade*, *capacidade* e *tenacidade* compõem os julgamentos de *estima social*, enquanto aquelas relacionadas à *veracidade* e *propriedade* compõem os julgamentos de *sanção social*.

A religião no contexto social da atualidade

Compreender o sagrado significa lidar com um contexto de produção do significado específico e com uma linguagem bem própria. Esta, como produto de relações interacionais distingue-se da linguagem comum, reproduzindo em seus textos marcas de um discurso particular. Trata-se, portanto, de um *registro*² (HALLIDAY; HASAN, 1989), compartilhado por grupos distintos que comungam de uma “consciência linguística” (CRYSTAL, 1992) comum para expressar suas crenças.

Atualmente a compreensão desse contexto situacional específico por meio de seu registro tem sido o interesse de diversos trabalhos acadêmicos (PINTO, 2002; TERCEIRO, 2008). Esse interesse reconhece, a partir dos anos 1980, a religião “como um fator relevante da mutação social e política que está rapidamente mudando o rosto do mundo contemporâneo” (MARTELLI, 1995, p. 9).

A partir daí, grandes acontecimentos “macrossociais” se iniciaram por meio de ações “microsociais”, inspiradas numa concepção religiosa e ética da vida. Elas foram aplicadas, segundo Martelli (1995), em diversos níveis sociais, tanto por cidadãos anônimos, quanto por líderes universalmente conhecidos, como João Paulo II e Gorbachov, protagonistas de um histórico encontro, no Vaticano, em novembro de 1989.

Para Ardigò (1988), foi preciso atribuir, desde então, nova relevância ao primado da consciência pessoal e à formação de relações intersubjetivas a partir de processos baseados na empatia, na confiança, na confidência, procurando observar suas consequências também em nível sociológico. Esses recursos de sentido encontram nas instituições religiosas, especialmente na Igreja Católica, a dimensão dentro da qual elas se consolidam, segundo opções de pensamento e de comportamento, assumindo forma definida, caracterizada por uma precisa referência institucional, seja simbólica, seja organizativa.

Nesse contexto de avivamento do sagrado, o que se notifica cada dia mais é a diversidade de religiões existentes. Assim, multiplicam-se as opções de religiosidade mística, que substituem as ênfases dadas tradicionalmente às ações sociais, dando origem aos movimentos carismáticos na Igreja Católica e ao denominado Neopentecostalismo.

Os estudiosos têm vinculado o protestantismo ao processo de modernização do mundo ocidental. Então, que transformações a religião experimenta se aceitarmos a substituição do período da modernização pelo advento de uma era de pós-modernização? Há

² Segundo Halliday e Hasan (1989, p. 41-42), registro pode ser definido como uma variedade linguística que se manifesta de acordo com o usuário, ou seja, que se evidencia segundo o uso: “[...] o registro é o que você está falando no momento, dependendo do que você está fazendo e da natureza da atividade em que a linguagem está funcionando”.

alguma relação entre o surgimento do neopentecostalismo e a pós-modernidade? [6] (...) Porque há muitos que tentam efetuar tal análise sem perceber a existência de uma controvertida discussão sobre a oposição 'modernidade' e 'pós-modernidade' (CAMPOS, 1999, p. 46).

Para Berger e Luckmann (2003, p. 17), a diversidade religiosa possui um caráter secularizador por multiplicar o número de estruturas de plausibilidade, por relativizar o conteúdo dos discursos religiosos concorrentes, tornando-os privados e em razão disso gerando ceticismo e descrença. Por outro lado, pesquisadores americanos interpretam o pluralismo religioso como evidência da fraqueza da religião a partir da modernidade e constataam que a participação religiosa é mais alta onde um número proporcionalmente maior de empresas religiosas competem. Ou seja, quanto mais desenvolvido for o pluralismo religioso maior será a mobilização e a participação religiosa do conjunto da população.

É importante salientar que pluralismo religioso é tratado aqui, não apenas como a multiplicidade de grupos religiosos sistematicamente organizados, mas também diferentes concepções religiosas, diferentes maneiras de visão religiosa.

Análise dos dados

Vale lembrar, uma vez mais, que no julgamento as avaliações são referentes ao comportamento das pessoas, ao seu caráter ou ao quanto elas se aproximam das expectativas e exigências de uma dada sociedade (WHITE, 2004, p.187). Assim, nessa seção, o que se desempenha é o reconhecimento dos significados que indicam uma visão da aceitabilidade social do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita através de referências a algum sistema de normas sociais.

Destarte, as especificações analíticas dos recursos linguístico-discursivos utilizados para realizar o julgamento em "Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?" mostram como esses critérios que normatizam comportamentos e visões do mundo são ativados e acusam algumas recorrências metodologicamente categorizadas.

A primeira delas sustenta, conforme o gráfico 1 que demonstra o cômputo em porcentagem de realizações das formas de julgamento, a *estima social* como a forma de julgamento acessada maiormente em detrimento dos valores relacionados à *sanção social*, e a *normalidade* como subtipo mais requerido para a realização dos valores e juízos emitidos, seguido pela *propriedade* que é um subtipo de *sanção social*. A indicação dos dados conferidos no gráfico 1, assim como nos demais que se prosseguem, obedece à sistematização das formas de julgamento reconhecidas e destacadas. Essa sistematização satisfaz as duas primeiras etapas do modelo analítico para o estudo da avaliação sugerido por Eggins e Slade (1997, p.138-140), a saber, identificação dos itens avaliativos e classificação e resumo desses itens.

O que se observa, portanto, é o registro sutil ou não de valores segundo os quais a opinião do produtor textual, principalmente, acusa como destoante da normalidade,

alheia à expectativa social, o comportamento de outras pessoas. Ele denuncia o que em seu parecer está diferente daquilo que socialmente se estima como sendo o regular e aceitável. Somente 24,02% dos recursos linguístico-discursivos utilizados para avaliar remetem à sanção social (que corresponde ao somatório dos valores referentes à categoria *propriedade e veracidade*), enquanto os de *estima social* (somatório dos valores referentes às demais categorias) concentram 74,06%, sendo a categoria *normalidade* preponderante.

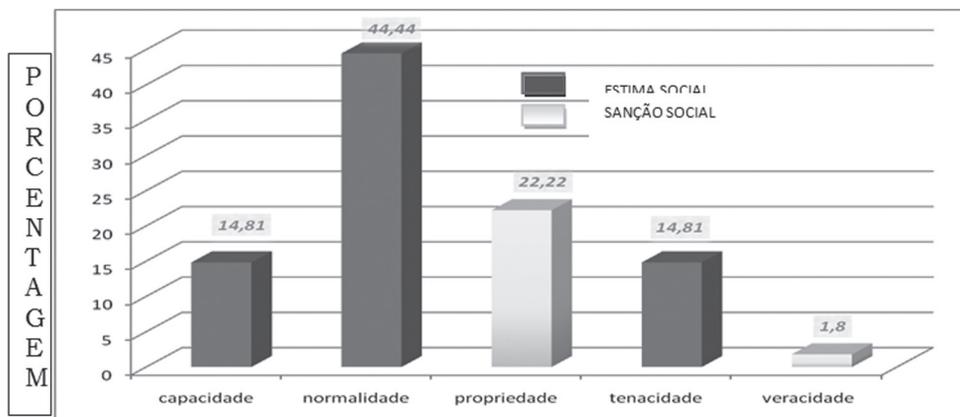


Gráfico 1- Cômputo de realizações das formas de julgamento

O campo *Estima Social*, presente com mais frequência na oralidade, dá conta das avaliações orientadas pelo comportamento humano, tendo como base a aceitação da sociedade e os ideais constituídos nas diferentes redes de afeição. Esse tipo de avaliação coloca em jogo os aspectos culturais nas expressões de valores comuns à comunidade e reforça os laços sociais criados entre um grupo de pessoas que partilham os mesmos valores (MARTIN; WHITE, 2005, p. 52).

Já em relação ao campo *Sanção Social*, as formas de julgar estão ligadas às avaliações que, relacionadas à civilidade e à religiosidade, são reguladas e estabelecidas por meio dos registros escritos e documentados. A esse campo, estão relacionadas às regras de convivência, com vistas ao cumprimento das premissas religiosas que determinam os comportamentos aceitáveis moralmente (MARTIN; WHITE, 2005, p. 52).

Assim, é possível notificar a apropriação de valores que envolvem admiração e crítica sem implicações legais num discurso extremamente legal, no sentido institucional, já que é produzido num ambiente religioso. Isso é inesperado, tendo em vista que, como esclarece Martin (2001, p.156), o tipo de julgamento (estima ou sanção social) está relacionado à posição institucional de quem avalia, o que presumiria, no texto em foco a recorrência de valores codificados na forma escrita como éditos, regras, regulações, leis sobre como se portar diante de um papel social - o pontificado - que confirma um grau notável de importância.

Como já exposto, o subtipo *Normalidade*, que representa 44,44% das formas de

julgamento presentes no texto, relaciona-se às noções de comportamento preestabelecidas em contraste ao que se apresenta de modo diferente, fora do padrão estabelecido socialmente (MARTIN; WHITE, 2005, p. 52-56). A razão para sua recorrência pode ser mais bem esclarecida pelos gráficos 2A e 2B que sintetizam o primeiro e o segundo passo estabelecidos para a metodologia de trabalho, a saber, a identificação dos itens avaliativos e a classificação e resumo dos mesmos.

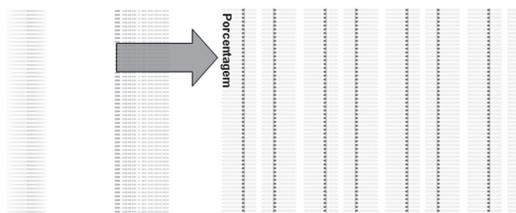


Gráfico 2A: Quem avalia pelo Critério da normalidade

Gráfico 2B: Quem está sendo avaliado pelo Abade Cacqueray pelo critério da normalidade

Destarte, como se percebe no gráfico 2A, a maior parte das avaliações de normalidade é realizada pelo próprio produtor textual (Abade Cacqueray) e o seu objeto de apreciação, aduzido no gráfico 2B, habitualmente é o Papa Bento XVI. Isso permite dizer que o ato de julgar no texto “Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?” gira especialmente em torno da verificação de quão especial e usual é o atual pontífice da Igreja Católica, até porque se reconhece que esse tipo de julgamento tem a ver com o grau de individualidade e particularidade das pessoas (MARTIN; WHITE, 2005, p. 53).

A maneira de se efetuar esses julgamentos, quando o pontífice é o objeto julgado, mostra que ao construir uma *persona textual* com base no critério que define a destoação de quão normal é essa *persona*, o produtor a percebe positivamente, de modo a construir as qualidades intrínsecas de Bento XVI nos contextos textuais em que aparecem. Os exemplos 1 e 2 corroboram essa discussão e detalham alguns desses contextos em que *ancião* e *inteligentsia* qualificam de forma positiva o pontífice:

Exemplo 1:

Eles entregam as sociedades que lhes são confiadas ao deboche e veem pregar a moral a um ancião cuja vida privada não lhes dá nenhuma ocasião à sua sede de escândalo. (sic)

Exemplo 2:

(...) esse Papa que, ora, supera admiravelmente as borrascas de um mundo odioso contra a igreja, ora se faz aplaudir pela própria inteligentsia

À experiência e à acuidade intelectual são voltados os julgamentos positivos do subtipo normalidade nos exemplos demonstrados. Eles desvelam uma postura que torna o pontífice aquele a quem se deve respeitabilidade por, dentre outras causas, a habilidade e conhecimento encapsulados à ideia de inteligência, o que evidencia uma projeção de conduta a ser admirada.

Teoricamente o julgamento, nos mesmos exemplos, foi realizado por meio de uma categoria léxico-gramatical, cujo nome é epíteto. Ao indicar uma qualidade, o epíteto refere-se à propriedade objetiva do objeto ou a uma expressão de atitude subjetiva do falante em relação a esse objeto ou pessoa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 319-320). Os epítetos que indicam qualidade são de função experiencial e os que indicam a atitude do falante/escritor são de função interpessoal.

O termo “ancião” (exemplo 1), cuja função pode ser considerada, *a priori*, experiencial por denotar uma condição natural que subsume uma idade avançada, é também um modelo de um item lexical portador de uma avaliação atitudinal não tão explícita neste excerto. Possuindo uma conotação positiva, a palavra requer um conhecimento compartilhado para que possa ser interpretado pela audiência.

Assim, ao termo “ancião” devem-se ponderar as razões pelas quais sua forma dentro de uma concepção religiosa ganha um valor expressivo de ajuizamento estendido, ou seja, deixa de denotar simplesmente um estado ou condição de maturidade, de plenamente desenvolvido, para agregar uma valoração ainda maior, o que reforça sua condição de *julgamento* de *normalidade*.

Os anciãos participavam integralmente da liderança do povo, recebendo para isto autoridade divina, para inclusive combaterem com afinco qualquer forma de avareza. Setenta deles receberam um derramamento sobrenatural do Espírito Santo, dando-lhes, também, funções carismáticas (SCHMIDT, 1983, p. 49).

A função de pelejar contra a avareza parece estar em intrínseca afinidade com os dizeres do próprio Joseph Ratzinger (o Papa Bento XVI, na época cardeal) presente na obra de Seewald (1997, p. 67).

Mas é verdade que a Igreja nunca deve simplesmente pactuar com o espírito do tempo. Tem de denunciar os vícios e os perigos de uma época; tem de interpelar a consciência dos poderosos, mas também dos intelectuais e daqueles que vivem, de coração estreito e confortavelmente, ignorando as necessidades da época etc. Como bispo, senti-me obrigado a cumprir essa missão. Além disso, os déficits eram flagrantes: desânimo da fé, diminuição das vocações, **queda do nível moral, sobretudo entre as pessoas da Igreja**, tendência crescente de violência e muitas outras questões. Lembro-me sempre das palavras da Bíblia e dos Padres da Igreja, que condenam com grande severidade os pastores que são como cães mudos e que, para evitar conflitos, deixam que o veneno se espalhe. A tranquilidade não é a primeira obrigação de um cidadão, e **um bispo que só estivesse interessado em não ter aborrecimentos e em camuflar, se possível, todos os conflitos, é para mim uma ideia horrível** (grifo nosso).

A relação de hierarquia e respeitabilidade subsumidas por passagens bíblicas é reconhecida pela mobilização de uma memória que representa, dentro das concepções cristãs, a divisão hierarquizada de poder e prestígio, trazidos de maneira valorativa por meio da designação “ancião”. Essa relação reescreve o “ancião bíblico” no presente do

acontecimento, além de identificar comparativamente o sujeito a que se refere o termo. Dessa forma, revela-se o caráter político da linguagem.

Macken-Horarik (2003, p. 298) lembra que uma avaliação que está envolvida, mas não de modo claro, como o exemplo de “ancião”, é identificada por meio de certo tipo de enriquecimento lexical, envolvendo uma tênue inferência ou jogo intertextual ou ainda uma linguagem figurada, o que Martin (2001) chama de “tokens” de atitude. Os quais são mais difíceis de detectar visto que o seu significado é transferido e não literal. Nesse sentido, a autora ressalta a importância de se considerarem as avaliações que estão implícitas para a análise. Ikeda (2006, p. 1881) complementa dizendo:

A interpretação de tipos de Appraisal [avaliação] evocados depende pesadamente das inferências feitas pela audiência do texto. Como todas as análises de Appraisal, a classificação dessas evocações envolve um grau de subjetividade e precisa ser entendida como situadas em contextos culturais específicos. Por isso, essas instâncias de Appraisal podem ter múltiplas interpretações.

Assim, a necessidade de atributos que implícita ou explicitamente declaram sobre o quão particular e virtuoso é o pontífice, se deve, por consequência, conforme esclarece Santiago (2008, p. 196), de uma postura que tem criado dificuldades para o ecumenismo entre os cristãos. Essas dificuldades se traduzem em imiscuir com tenacidade em assuntos laicos, condenar a autonomia da razão, despertar a ira do mundo islâmico, tentar erigir uma nova ortodoxia, e principalmente acobertar sacerdotes que cometem abusos sexuais a crianças.

Outro dado relevante para a observação e problematização do *juízo* no texto é a categoria *propriedade* que assume a segunda forma mais requerida para a realização dos juízos e valores emitidos, e a maneira de *sanção social* mais demandada. Essa categoria abarca os valores de certo e errado e diz respeito ao comportamento deontológico de um ator social, ou seja, questiona-se o quão ético é esse ator (MARTIN; WHITE, 2005, p. 52-56).

Os gráficos 3A e 3B retratam que esses atores no texto são identificados como jornalistas da mídia (40%), e o produtor textual (Abade Cacqueray) continua sendo, em 83,33% dos casos, o sujeito avaliador. Nos dois gráficos, a soma dos valores correspondem ao total das ocorrências mapeadas que se enquadram na categoria *propriedade*.

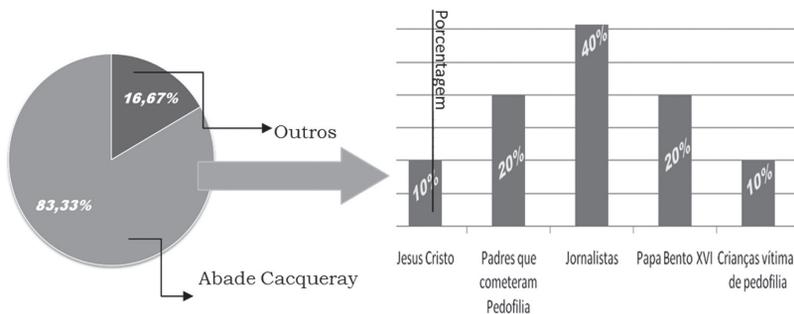


Gráfico 3A: Quem avalia pelo critério da propriedade

Gráfico 3B: Quem está sendo avaliado pelo Abade Cacqueray pelo critério da propriedade

Foucault (2000, p. 350) entende que ao se avaliar o comportamento das pessoas por meio de um pensamento sobre o domínio da ética (as avaliações de *propriedade* têm essa natureza), o que se exerce são práticas de dominação e práticas de liberdade. Desse modo, o produtor textual, assume, conforme o gráfico 3A, uma condição que questiona por meio de julgamentos de caráter ético, o cabimento e direito dos jornalistas, demonstrados no gráfico 3B como o alvo mais recorrente dos julgamentos do Abade Cacqueray, em questionar as atitudes e decisões do Papa Bento XVI. O estudo das práticas às quais Foucault se refere – a ontologia histórica das pessoas – indica como os indivíduos são constituídos como sujeitos que exercem e sofrem relações de poder, como se constituem como sujeitos morais de suas ações.

No texto, essa maneira de altercar sobre a ética, principalmente a dos jornalistas da mídia que criticam o pontífice, pode ser ilustrada e observada com os exemplos 3, 4 e 5.

Exemplo 3:

São os mesmos sepulcros caiados, os mesmos fariseus. Eles odeiam Cristo como eles odeiam os que o seguem.

Exemplo 4:

A gente as encontra nos processos urdidos pelos mesmos aduladores desse mundo: quando se trata de resumir de modo arrasador os cinco anos do atual pontificado, são as medidas de restauração que são citadas pela mídia,

Exemplo 5:

Que alcateia infame! Mas quem são esses homens da mídia para se colocar face ao Papa como modelos de virtude? Quem são eles para acusar a Igreja Católica de todos os vícios e de todos os crimes? (sic)

O ajuizamento presente no exemplo 3 demonstra uma avaliação baseada no aspecto da ética pelo seguinte fato: nos sepulcros eram erigidos monumentos em homenagem àqueles que morriam. Poderiam ser algo mais sofisticado ou uma pilha de pedras bem arranjadas. Eles eram então “caiados”, ou seja, pintados de branco. Isso acontecia para que o transeunte enxergasse de longe e evitasse a contaminação ritual que acontecia ao entrar em contato com alguma coisa morta. Jesus chamou os fariseus de sepulcros caiados, por causa da vida de hipocrisia, e por isso remete a um valor ético, que levavam mostrando uma imagem espiritual elevada sendo que no interior viviam um estado de sujeira e pecado.

Invariavelmente, a ética dos jornalistas da mídia é questionada de modo depreciativo. O produtor do texto e agente avaliador (Abade Cacqueray), por meio dos termos *sepulcros caiados*, *aduladores* e *alcateia infame*, avalia pejorativamente a postura e condição dos homens da imprensa. O que parece relevante observar é a forma como são expressos tais juízos. Com exceção de *aduladores*, os julgamentos requerem um conhecimento intertextual e bíblico (podendo ser identificados também como os

"tokens" de atitude), todavia, ocorrem de maneira metafórica.

A metáfora pode, dessa forma, contribuir para a avaliação encoberta. Segundo Charteris-Black (2004), as metáforas são usadas persuasivamente para expressar avaliação, e por isso constituir parte da ideologia dos textos. Kress e Hodge (1993, p. 15) propõem que a ideologia envolve uma apresentação de valores e juízos sistematicamente organizados da realidade. Destarte, Charteris-Black afirma que a metáfora é vital na criação dessa apresentação do que se avalia como real; é o que Fairclough (2001, p. 241) descreve como "a configuração total das práticas discursivas de uma sociedade ou uma de suas instituições". O autor apresenta a Análise Crítica da Metáfora, que se refere à incorporação da semântica cognitiva à pragmática (CHARTERIS-BLACK, 2004).

Assim, o produtor empenha um julgamento calcado numa estratégia (a metáfora) que exige da audiência do texto uma acuidade interpretativa e um conhecimento específico e próprio do contexto religioso para se dar conta não só da maneira negativa com que os jornalistas da mídia são entendidos, como também da intensidade e precisão dos juízos sobre eles imputados.

Considerações finais

Os estudos da Teoria do Sistema de Avaliatividade constituem um instrumento muito útil a ser explorado em uma perspectiva teórico-metodológica para a investigação de questões sociais, assim como se fez neste trabalho. Isso se dá porquanto se trata de uma teoria que foca o interpessoal na linguagem, ou seja, o modo pelo qual os atores sociais se posicionam diante tanto do material linguístico produzido quanto daqueles com quem se comunicam.

Nesse sentido, o que se realizou neste trabalho foi uma abordagem por meio da categoria *juízo* sobre o papel dos recursos linguísticos no alinhamento de posições valorativas referenciadas por um texto em relação tanto à instância produtora e consumidora dos textos, quanto às comunidades de valores e crenças partilhadas socialmente.

Assim tomam-se como necessárias algumas considerações que destaquem a coesão de toda a discussão realizada e que, por fundamentarem-se em constatações intrinsecamente linguísticas do ponto de vista estrutural, não tendem a entregar-se a explicações redutoras e abstratas dos artefatos textuais que apontam a avaliação no texto *Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?*.

Em suma, a primeira importante constatação é o uso preferencial dos juízos de estima social com base na ideia de quão especial é o pontífice Bento XVI. O produtor avalia positivamente, por meio de epítetos experienciais e atitudinais, o modo de proceder do papa utilizando da categoria *normalidade*. Essa categoria recontextualiza as noções de comportamento preestabelecidas em contraste ao que se apresenta de modo diferente, fora do padrão estabelecido socialmente.

Ao agir dessa maneira, o produtor (Abade Cacqueray) ressalta, dentre outros, os valores relacionados à experiência e à acuidade intelectual de Bento XVI. Tais valores positivos, em algumas ocasiões, só podem ser adequadamente identificados através de um certo tipo de enriquecimento lexical, envolvendo uma tênue inferência ou jogo intertextual ou ainda uma linguagem figurada, o que Martin (2001) chama de “tokens” de atitude. Assim, o Abade Cacqueray contribui para os discursos que articulam a defesa de Bento XVI no contexto em que o mesmo é criticado por negligência.

A segunda importante constatação diz respeito à predominância dos juízos de sanção social baseados nos termos de propriedade. Esse domínio abarca os valores de certo e errado e diz respeito ao comportamento deontológico de um ator social, ou seja, questiona-se o quão ético é esse ator. O produtor recorre a esses valores calcados no aspecto da ética para avaliar, na maioria das vezes, e de forma negativa, os jornalistas da mídia, e conseqüentemente deslegitimar seus discursos de contestação e questionamento da postura do papa, principalmente em relação aos casos de pedofilia envolvendo a Igreja Católica.

A realização desse procedimento se dá, em partes, pelo uso de metáforas que são usadas persuasivamente para expressar o julgamento do produtor. Essa maneira de expressar a avaliação exige da audiência do texto uma acuidade interpretativa e um conhecimento específico e próprio do contexto religioso para se dar conta do modo negativo com que os jornalistas da mídia são percebidos.

Referências

ALMEIDA, F. *A avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor - um exercício em análise do discurso sistêmico-funcional*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ARDIGÒ, A. *Per una sociologia oltre il post-moderno*. Roma: Laterza, 1988.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGER, P; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

CAMPOS, L. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CACQUERAY, A. R. *Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?* Montford Associação Cultural. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=papa&artigo=odeia-bentoxvi>>. Acesso em: 9 mar. 2011.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London: Palgrave MacMillan, 2004.

CRYSTAL, D. *Investigating English style*. England: Longman, 1992.

- CHRISTIE, F. Systemic Functional Linguistics and a theory of language in education. *Ilha do desterro*, Florianópolis, n. 46, p. 13-40, jan./jun. 2004.
- EGGINS, S. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994.
- EGGINS, S; SLADE, D. *Analyzing casual conversational*. Cambridge: Cassel, 1997.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. II. (Coleção Ditos e Escritos).
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M; MATTHIESSEN, I. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 2004.
- KRESS, G, HODGE, R. *Language as ideology*. 2. ed. London: Routledge, 1993.
- IKEDA, S. N. A Crypto-argumentação e construção do discurso estratégico. *Estudos Linguísticos*, v.35, p. 1877-1886, 2006.
- IKEDA, S; VIAN Jr, O. A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional. In: LEFFA, V. *Pesquisa em linguística aplicada: Temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006. p. 31-48.
- MACKEN-HORARIK, M. Appraisal and special instructiveness of narrative. *Text 23. Special edition on appraisal*, p. 285-312, 2003.
- MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MARTIN, J. R. *Reading positions/positioning readers: judgment in English*. London: Prospect, 1995.
- MARTIN, J. R. Beyond exchange: appraisal system in English. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 142-175.
- MARTIN. J. R.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2003.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: Appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan, 2005.
- NEVES, M. H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PAGE, R. E. An analysis of appraisal in childbirth narratives with special consideration of gender and storytelling style. *Text 23.2, Special edition on appraisal*, p. 211-237, 2003.
- PINTO, P. M. Linguagem e religião: um jogo de racionalidade, de identidade, de

fundamentos. *Revista de estudos de religião*, n. 4, p. 81-98, set. 2002.

ROMERO, T. *A interação coordenador professor: um processo colaborativo?* São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas) – PUC, SP, 1998.

SANTIAGO, H. Os excessos da identidade: Bento XVI e a questão da tolerância. São Paulo, *Lua Nova: Revista de cultura e política*, n.74, p. 195-210, jul. 2008.

SCHMIDT, W. H. *Introduccion al Antiguo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1983.

SEEWALD, P. *O sal da terra*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

TERCEIRO, V. *A conexão entre a linguística e o mítico-religioso*. Disponível em: <<http://recantodasletras.com.br/trabalhosacademicos/1254782>>. Acesso em: 23 abr. 2011.

White, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão (SC), v. 4, n.esp., p. 178-205, 2004.

Artigo recebido em: 12 maio 2011
Aceito para publicação em: 17 ago. 2012

Anexo



Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?

Abbé Régis de Cacqueray

«Se o mundo vos odeia, sabe que ele me odiou antes que a vós» S. João XV, 18. Esta advertência que Nosso Senhor dirigia a seus discípulos sem dúvida foi uma das mais graves. **Ele os prevenia solenemente que eles nada deveriam esperar do mundo, porque** sua única esperança repousava nele. Com efeito, logo que Deus enviou o seu Espírito Santo, no dia de Pentecostes, aqueles que tinham zelo de anunciar Jesus Cristo foram objeto da reprovação do mundo. Eles foram expulsos das sinagogas, afastados dos fóruns, depois condenados, decapitados ou crucificados. O Imperador os caluniou, os acusou dos piores crimes, notadamente de ter incendiado Roma. À medida que a fé se expandia, «os filhos da luz» eram executados, lançados aos leões e às piras, enquanto «os filhos das trevas» iam, escarneciam e debochavam. Assim se cumpria a célebre máxima de Tertuliano: «o sangue dos mártires é semente de Cristãos». Sobre o sacrifício dos que preferiam morrer antes que renegar a verdade revelada edificou-se a Igreja. Sobre os túmulos dos primeiros apóstolos se erigiu a Cristandade.

Certo, quando os príncipes reconheciam o primado de Deus sobre as sociedades, quando os próprios reis sabiam se ajoelhar diante de seu Criador, as perseguições cessavam, e se impunha a tréguia dos santos. Mas logo que a revolta humana se erguia orgulhosamente face ao Senhor a advertência divina se confirmava: **o Mundo odiava ao mesmo tempo Deus e seus discípulos**. Nosso país, sem dúvida alguma, foi o laboratório dessa funesta rebelião, e a França tornou-se a triste nação que ousou perseguir ao mesmo tempo o clero e aprisionar o Vigário de Cristo. Em 1799, o Papa Pio VI morreu em Valence, em nosso território, então administrado pelos revolucionários do Diretório.

Este mundo construído sobre o ódio de Deus

Desde então, **o Mundo que nos cerca não cessou de renegar Deus**. Ele exigiu sua ruptura total com a Igreja; em múltiplas ocasiões, ele fez perecer os sacerdotes que morriam aos milhares nos barcos do Loire, no exílio da Guiana ou nos campos de trabalho, mais a leste; ele impôs uma legislação que fazia desaparecer cada vez mais a moral cristã, como tentava reduzir a religião à esfera mais privada, até o mais fundo das consciências. **Assim, as leis anti cristãs se multiplicaram há duzentos anos para expoliar a Igreja, para atingir a santa instituição do matrimônio, para matar as crianças antes de nascer, para perverter os espíritos dos mais inocentes**. Face ao inquietante futuro que se esboçava, o Papa Pio IX teve a clarividência de armar as almas, de preveni-las contra o perigo que se tramava: desde 1864, no *Syllabus*, catálogo dos oitenta erros que se propagavam, ele condenou muito firmemente a ideia segundo a qual «o Pontífice romano pode e deve se reconciliar e fazer um compromisso com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna.» Somente os livres pensadores ou os liberais lamentaram tal proscricção, para continuar a querer adaptar a Igreja ao mundo que a odiava, para querer emparelhar as duas Jerusalém, para fazer coabitar Saul, o perseguidor e o apóstolo São Paulo.

Assim, como não se horrorizar quando os próprios homens da Igreja, a favor do Concílio Vaticano II, se aventuraram a querer adaptar a Igreja ao mundo, e mais particularmente a esse mundo aí, a ponto de fazer dele seu primeiro objetivo e de abandonar o objetivo que fora seu durante dois milênios, a saber a salvação das almas? Nós só podemos subscrever a trágica atestação que **Mgr Lefebvre** redigiu em 1976 ao ver, nessa estranha união entre a instituição fundada por Cristo e aquela na qual age seu inimigo, um «casamento adúltero». Porque como era possível colocar a Igreja ao diapasão de um mundo que desejava ver a influência católica diminuir, a Fé se relativizar e a moral fenecer, senão acomodando alguns de seus ministros com esses espantosos desígnios?

Por quem cantam as sereias do mundo ?

Ora, à medida que os Papas modernos se engajavam nas novas vias, rompendo com a Tradição – desde as celebrações ecumênicas até os compromissos inter religiosos – esse mundo punha um termo a seu ódio e aplaudia. **A mídia e seus sinistros embaixadores não tinham mais palavras para festejar os Papas que eles consideravam solidários, abertos ao mundo, harmônicos com o seu tempo, conforme seus critérios inquietantes. Eles não poupavam elogios para festejar, com a reunião inter religiosa de Assis, a instituição de uma religião universal na qual a solidariedade substituiria a verdade. Eles davam uma publicidade sem igual às Jornadas Mundiais da Juventude para manter um ambiente « bom filho », enquanto que se degradava a liturgia ao sabor dos caprichos locais.** E quando da morte de João-Paulo II, a mídia não se enganou: ela saudou nele o Papa de Assis, o Papa do muro das lamentações, o Papa da ONU. **Em troca, ela condenou o Papa da moral católica que tinha mandado**

embora juntos pornográficos e abortistas.

O Papa **Bento XVI** sucedeu, então, um Papa imensamente popular do qual ele tinha sido o principal colaborador. Ele não tinha se libertado da herança do Vaticano II e de seus predecessores. Ele o disse textualmente, ele queria constituir-se o seu continuador. E quando ele se recolheu na mesquita de Istambul, quando ele rezou na grande sinagoga de Roma ou, quando, ainda bem recentemente, no recente 14 de março último, ele participou ativamente de um culto luterano avalizando a pregação de uma cerimônia dominical no templo da Via Sicília, nós só pudemos nos indignar considerando mais uma vez a ruptura total de tais práticas de confusão com a prudente atitude católica observada pelos Papas até o Concílio. **Ora, esses sinais são justamente os que permitem à mídia ter ainda alguma consideração por Joseph Ratzinger.** Por esses gestos, ele era ainda, não há muito tempo, louvado, julgado inteligente e pacífico mesmo quando **uma caçada já estava claramente organizada contra ele.**

O mundo com a face descoberta

Nós assistimos com os punhos cerrados essa caçada ao Papa. Que alcatéia infame! Mas quem são esses homens da mídia para se colocar face ao Papa como modelos de virtude? Quem são eles para acusar a Igreja Católica de todos os vícios e de todos os crimes? Espontaneamente, vêem a nossos lábios as expressões das quais Nosso divino Salvador se serviu para designar a classe político-religiosa pervertida pela qual Ele foi julgado e condenado. São os mesmos **sepulcros caiados, os mesmos fariseus. Eles odeiam Cristo como eles odeiam os que o seguem.** Eles entregam as sociedades que lhes são confiadas ao deboche e vêem pregar a moral a um ancião cuja vida privada não lhes dá nenhuma ocasião à sua sede de escândalo.

Bem sabemos infelizmente que houve quedas de sacerdotes e quedas por demais numerosas. Sem dúvida sempre as houve, mas nós consideramos que seu número foi aumentado pela tormenta que se abateu sobre a Igreja e que deixou os padres desorientados, tendo que carregar seu celibato sem receber as graças que lhes permitissem receber forças para a renovação do Sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos ter uma compaixão sem limites pelas crianças que foram suas inocentes vítimas e nós devemos fazer de tudo para expiar escândalos que se verificam ser infinitamente mais graves quando eles provem de pessoas consagradas a Deus.

Mas nós recusamos essa mentira blasfema que faz crer que os padres, por causa de seu próprio estado consagrado, constituiriam um grupo «de risco». Pouco importam nossas pessoas e a agressividade que essas campanhas midiáticas desenvolvem contra o hábito eclesiástico. Não é nossa honra que está em questão mas a honra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eles quereriam que cada um se afastasse dessa religião cujas obrigações angélicas, reputadas ineptas e insustentáveis, rebaixam finalmente os adeptos, segundo eles, abaixo dos animais. **Não nos deixemos abalar por essa infernal desinformação !** Expiemos pelos pecados que foram cometidos, mas encontremos, à lembrança dessas faltas, apenas o desejo de rezar pela santificação dos sacerdotes ou o desejo de tornar-nos santos padres e padres santos.

A via crucis do Papa Bento XVI

Depois de muito procurar, só encontramos uma comparação a essa perseguição e a esse "hallali" contra esse ancião: a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. O mundo inteiro parece se aliar contra ele e insultá-lo, assinar a sua pena de morte midiática e desencadear contra ele os piores furores que exatamente ninguém sabe onde vão parar. Nós gostaríamos muito de achar outra referência que a da Paixão de Cristo que não é satisfatória em todos os pontos, porque os contentamentos de um Mundo midiático, quando os gestos inter-religiosos são feitos, ou quando a morte do Estado católico é justificada pelo discurso papal, não calham de modo algum à pessoa de Nosso Senhor. Entretanto, que outra comparação escolher?

Se assistimos, pois, do mesmo modo com o coração angustiado a essa caça ao homem que nenhum dos três predecessores de Bento XVI sofreu, interroguemo-nos, além disso, sobre as razões de veredictos tão talhantes. A gente as encontra nos processos urdidos pelos mesmos aduladores desse mundo: quando se trata de resumir de modo arrasador os cinco anos do atual pontificado, são as medidas de restauração que são citadas pela mídia, desde a liberação da Missa tradicional até o levantamento das «censuras» oficiais que tocavam os Bispos da Fraternidade São-Pio X, duas medidas que, a seus olhos, favoreceram os defensores de uma fé e de uma moral sem compromisso. De modo ainda mais particular, eles reprovam no Soberano Pontífice uma condenação já firme e repetida do aborto, da eutanásia, da união dos homossexuais, esses lamentáveis estandartes que se tornaram o apanágio dos que querem construir uma sociedade sem Deus.

Mesmo, sem dúvida, sem muitas ilusões, sobre as dificuldades que o esperavam há cinco anos, quando ele foi eleito Papa, **Bento XVI não imaginava provavelmente que seu pontificado seria uma tal via crucis.**

Entretanto, esse homem certamente não é movido pela busca da complacência de seus semelhantes.

Se ele não pediu para ser Papa, uma vez eleito, ele quer cumprir o seu dever, o que quer isso deve lhe custar. Sem gozar da mesma áura que seu predecessor, ele poderia podido viver alguns anos sobre os benefícios de seu prestígio. Se ele tivesse querido, não lhe teria sido difícil encontrar algumas concessões suplementares a fazer à modernidade e aos grandes deste mundo para não correr o risco de ser aquele que se faria de vítima.

Infelizmente, ele recebeu a formação de todos os padres de sua geração, no curso de um período particularmente perturbado. E é verdadeiramente bem lamentável que um tal homem tenha bebido em

fontes filosóficas e teológicas envenenadas – as de **Karl Rahner** ou de **Hans Urs von Balthasar** – e que se tornaram, enfim, o fundo de seu espírito. Não se pode, pois senão ficar embaraçado **por esse Papa que, ora, supera admiravelmente as borrascas de um mundo odioso contra a Igreja, ora se faz aplaudir pela própria inteligência porque seus gestos acariciam os desígnios de um mundo em busca de solidariedade sem Deus**; entretanto, as provações e as desgraças são por vezes nossas melhores amigas para nos reconduzir à luz da verdade e nos não devemos desesperar de seu caminho espiritual.

Nosso dever nessa paixão

Dessa crise na crise deve sair um maior bem. Jamais, desde que se tem lembrança, o vigário de Cristo foi tão maltratado e ridicularizado em sua vida e isso porque ele se contentou em defender a moral católica. É preciso remontar à figura de **Pio XII**, último Papa antes do Concílio, para encontrar um tal desencadeamento contra um Soberano Pontífice e o que ele representa. O velho sonho do aggiornamento, da adaptação a um mundo que seria preciso amansar quando ele nos odeia, desmorona de modo manifesto. Devemos redobrar as orações para que as autoridades da Igreja reconheçam com clarividência que as alegrias episódicas de um Mundo que odeia Deus, quando esses mesmos responsáveis parecem agradá-lo, são uma anomalia inquietante e mesmo contrária à natureza da Igreja.

Longe de nos deixar dominar por um certo desespero ou, ao contrário, por um relaxamento salpicado de bons sentimentos, consideremos, que nossa santificação exige de nós que não retiremos nada desse combate da Fraternidade São-Pio X iniciado por seu fundador. Nós não imaginamos suficientemente a força do exemplo. Sem dúvida, esta Fraternidade é apenas um instrumento. Mas a constatação, não importa qual seja o observador, pode verificá-la: há quarenta anos, enquanto a obra de Monsenhor Lefebvre se alarmava pelo afastamento dos Papas com relação à Tradição, por seus gestos, ou por seu ensinamento, o mundo aplaudia a eles. Em troca, quando o Papa era conspurcado e debochado, ficava patente que a Fraternidade defendia a mesma verdade que só era, em suma, o patrimônio da Igreja transmitido e ensinado.

Hoje, nós permanecemos banidos da Igreja. Mas o próprio Papa se acha como misteriosamente transportado no campo de nosso banimento. Sem dúvida, por ora não se trata ainda senão do banimento oficial das sociedades civis sem Deus. Mas ninguém sabe o que acontecerá em seguida. É bem sabido que os próprios amigos **se tornam raros quando as tormentas se tornam mais violentas.** Como Cristo na proximidade da Paixão, o vazio pode tornar-se impressionante em torno de um Papa, porque ele só terá aí, logo mais, golpes a sofrer a seu lado.

Pedimos para nós mesmos a graça de não abandonar, no seu infortúnio, aquele cujo nome pode já estar inscrito na lista dos pontífices perseguidos. Nós pedimos para ele, se ele deve continuar a sofrer a amarga experiência da prova para o vazio, **que ele saiba então distinguir que esses banidos da Igreja eram bem seus amigos e seus filhos mais fiéis.**

Que a Santíssima Virgem Maria nos guarde a todos em seu Coração Doloroso e Imaculado!

Abbé Régis de Cacqueray,

Superior do Distrito de França.

Suresnes, a 05 de Maio de 2010 na festa de São Pio V

Para citar este texto:

Cacqueray, Abbé Régis de - **"Por que o mundo odeia o Papa Bento XVI?"**

MONTFORT Associação Cultural

<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=papa&artigo=odeia-bento-xvi>

Online, 09/03/2011 às 11:08h
